



# MARINA SILVA E O AGGIORNAMENTO DO IMAGINÁRIO NEOLIBERAL <sup>1</sup>

## MARINA SILVA AND THE AGGIORNAMENTO OF THE NEOLIBERAL IMAGINARY

Julio Cesar Lemes de Castro <sup>2</sup>

**Resumo:** *A orientação neoliberal, já indicada na campanha presidencial de Marina Silva em 2010, apareceu de forma bem mais evidente quatro anos depois, caracterizando fortemente seu programa de governo. Numa circunstância em que o neoliberalismo no mundo, em plena crise, carecia de renovação, Marina promoveu um aggiornamento do imaginário neoliberal, que nela se apresentou em versão atenuada, com apelo especial para os jovens, os artistas e os intelectuais. Para tanto, ela explorou sua imagem pessoal singular, com uma história de vida incomum e vários episódios de superação. Mas Marina apoiou-se, sobretudo, nas ideias de sustentabilidade e de rede, que se harmonizam sem problemas com as propostas neoliberais; não por acaso, o partido que ela tentara criar antes das eleições, e cujo ideário impregnou sua candidatura pelo PSB, levava o nome de Rede Sustentabilidade. É interessante notar também a relação de continuidade entre o marketing político de Marina e o marketing corporativo de seus principais apoiadores.*

**Palavras-Chave:** *Marina Silva. Neoliberalismo. Imaginário.*

**Abstract:** *The neoliberal orientation, already indicated in the presidential campaign of Marina Silva in 2010, appeared with greater evidence four years later, being heavily featured in her government program. In circumstances in which neoliberalism in the world, in crisis, needed renovation, Marina promoted the aggiornamento of the neoliberal imaginary, which appeared in her case in a cool version, with special appeal to young people, artists, and intellectuals. For this, she explored her unique personal image, with an uncommon life story and several episodes of overcoming. But Marina relied mostly on the ideas of sustainability and network, which harmonize seamlessly with the neoliberal proposals; not coincidentally, the party that she had tried to create before the election, and whose ideology permeated her candidacy by PSB, was called Sustainability Network. It is*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 3: Comunicação Institucional e Imagem Pública do VI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VI COMPOLÍTICA), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), de 22 a 24 de abril de 2015. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

<sup>2</sup> Pesquisador de pós-doutorado na Escola de Comunicação da UFRJ, Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Email: [julio@jclcastro.com.br](mailto:julio@jclcastro.com.br)



*also interesting to note the continuity between Marina's political marketing and the corporate marketing of her core supporters.*

**Keywords:** *Marina Silva. Neoliberalism. Imaginary.*

---

## 1. Neoliberalismo em contexto

Conquanto seja hegemônico nas últimas décadas, o neoliberalismo não é homogêneo em termos teóricos, nem nas configurações políticas que assume, como mostra Harvey (2005).

As condições para a ascensão do modelo neoliberal, em substituição ao modelo keynesiano dominante no segundo pós-guerra, foram criadas a partir do colapso do acordo de Bretton Woods, em 1971. Como o novo modelo tinha um caráter excludente e nem sempre favorável ao crescimento econômico, as ditaduras militares de Augusto Pinochet, no Chile, e Jorge Videla, na Argentina, na década de 70, serviram como laboratórios ideais para experimentos nessa direção. A proeminência do neoliberalismo veio com a chegada ao poder da Nova Direita, representada por Margaret Thatcher, em 1979, e Ronald Reagan, em 1981, que envolveu a construção de um imaginário com apelo popular em resposta a situações de crise. Nos Estados Unidos do final dos anos 70, o cenário era de estagflação: a economia patinava e a inflação batia recordes. Nomeado pelo presidente Jimmy Carter para o Fed, Paul Volcker comandou um aumento brutal dos juros, jogando o país na recessão. Além disso, a crise dos reféns na embaixada norte-americana em Teerã, tomada por estudantes iranianos, arrastou-se por mais de um ano. Num discurso célebre, Carter reconheceu o mal-estar no país, falou em crise de confiança e fez referência ao diagnóstico de Lasch (1979) sobre a cultura do narcisismo, que já prenunciava os novos tempos. Nesse cenário, Reagan, ex-ator apelidado de “O Grande Comunicador”, venceu as eleições de 1980 com uma mensagem de otimismo e de restauração da confiança. Em sua campanha de reeleição, o tema foi “Amanhece de novo na América”. Ele tentou inclusive se apropriar da canção *Born in the USA*, de Bruce Springsteen, uma crítica ao



envolvimento dos Estados Unidos no Vietnã, como uma espécie de hino patriótico. No Reino Unido, o “Inverno do Descontentamento” de 1978-1979, marcado por uma onda de greves que gerou um caos no país e se tornou bastante impopular, abriu caminho para a vitória de Thatcher, com uma plataforma de enfrentamento dos sindicatos. Em 1982, com a Guerra das Malvinas, ela mobilizou sentimentos patrióticos e sua popularidade foi às alturas. “A economia é o método”, afirmou Thatcher numa entrevista ao *Sunday Times* em 3 de maio de 1981, “mas o objetivo é mudar a alma.” Enquanto o discurso de democratas e trabalhistas continuava tendo como referência o mundo do trabalho e o papel do Estado, Reagan e Thatcher exaltavam o mundo do consumo e o papel do mercado. E, ao mesmo tempo que o *welfare state* era enfraquecido, exaltava-se a responsabilidade individual. Nos anos 90, foi a vez de democratas e trabalhistas deixarem-se levar pela onda neoliberal, na forma da Terceira Via de Bill Clinton e Tony Blair. Eles incorporaram o neoliberalismo como uma modernização de seu discurso, que conciliaria as perspectivas do Estado e do mercado, e artifícios retóricos tentavam dar conta o tempo todo desses dois lados (FAIRCLOUGH, 2000). Nessas diversas formas, a proposta neoliberal envolvia um cuidado bastante profissional com a linguagem e a imagem.

Com o apoio de instituições internacionais, como o FMI e o Banco Mundial, o neoliberalismo – condensado doutrinariamente no chamado Consenso de Washington – espalhou-se nos anos 90 pela América Latina e pelos países do Leste Europeu. Líderes latino-americanos como Carlos Salinas de Gortari (1988–1994), do México, Carlos Menem (1989-1999), da Argentina, e Alberto Fujimori (1990–2000), do Peru, colocavam-se como campeões do mercado. Foi o caso também de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), que foi contemporâneo da Terceira Via e chegou a frequentar reuniões desta. Seu papel, porém, lembrou mais o da Nova Direita: se esta colocara em pauta o desmantelamento do *welfare state* nos países desenvolvidos, aqui se tratava de esvaziar o protagonismo do Estado na promoção do desenvolvimento, que vigorara de Getúlio Vargas à ditadura militar. Nesse sentido, ele aprofundou a política de abertura comercial, privatizações e enxugamento do Estado inaugurada por Fernando Collor de Mello (1990-1992),



além de adotar uma política econômica caracterizada pela austeridade monetária e fiscal e pela sobrevalorização cambial, e de tentar reformar a previdência. O paralelo com Reagan e Thatcher estendeu-se à forma de lidar com a insatisfação dos trabalhadores: se um reprimiu duramente a greve dos controladores aéreos e a outra reprimiu duramente a greve dos mineiros, FHC fez o mesmo com a dos petroleiros. Apesar do sucesso no controle da inflação com o Plano Real, implementado em 1993-1994, quando FHC era ministro da Fazenda de Itamar Franco, a manutenção dos juros altos e da moeda apreciada durante os dois mandatos de FHC manteve um desequilíbrio macroeconômico permanente e levou à quase-estagnação da economia, como apontou Bresser-Pereira (2003), que integrou seu governo.

Em nosso século, a posição da esquerda diante da avalanche neoliberal oscilou diante de duas possibilidades. Na Europa, com a unificação monetária, havia pouco espaço para resistência, e a tendência foi de capitulação pura e simples dos governos social-democratas à agenda neoliberal, o que redundou no desgaste e no fracasso desses governos. É o que ocorreu na Espanha, com José Luis Zapatero (2004-2011), em Portugal, com José Sócrates (2005-2011), na Grécia, com George Papandreou (2009-2011), e na França, com François Hollande (a partir de 2012). Na América Latina, em contrapartida, uma leva de governos progressistas – Hugo Chávez (1999-2013) e Nicolás Maduro (a partir de 2013), na Venezuela; Néstor Kirchner (2003-2007) e Cristina Kirchner (a partir de 2007), na Argentina; Evo Morales (a partir de 2006), na Bolívia; Rafael Correa (a partir de 2007), no Equador –, que se encaixam em maior ou menor grau no modelo do populismo, conforme a caracterização de Laclau (2005), passou a questionar o receituário dos mercados, opondo-lhe resistência em graus variados.

No Brasil, Lula (2003-2010) adotou uma solução de compromisso entre neoliberalismo e keynesianismo. Por um lado, manteve-se um arcabouço econômico austero, ainda que eventualmente mitigado, por exemplo com juros e superávit primário em patamares mais baixos. Por outro lado, conferiu-se ao Estado, através de gastos na área social e na infraestrutura, um papel ativo no impulsionamento da economia e na redução da desigualdade. Em princípio, uma



política focalizada de transferência de renda como o Bolsa Família se inseriria perfeitamente dentro do horizonte neoliberal. Na medida, entretanto, em que ganhou escala e se combinou a outras medidas, ela teve uma papel importante na expansão da demanda. E, diferentemente do keynesianismo militar nos Estados Unidos (déficits públicos relacionados com os altos gastos na defesa), um keynesianismo invertido que se encaixa perfeitamente nos parâmetros neoliberais, esse componente do lulismo era verdadeiramente keynesiano, pois não era concentrador de renda. Assim, o lulismo representou uma resistência não frontal, mas pelas bordas, ao neoliberalismo, e pareceu ter o apoio da maioria dos economistas keynesianos atuantes no país. Em função de seu relativo sucesso, principalmente na reação à crise de 2008, ele granjeou projeção internacional. Para a esquerda, o modelo lulista era mais bem-sucedido que a social-democracia europeia, presa à armadilha da moeda comum; para a direita, ele era mais aceitável que as experiências mais ousadas de outros países latino-americanos. Apesar de não ter a preferência do mercado e enfrentar a oposição da grande mídia, a popularidade de sua política permitiu a Lula reeleger-se em 2006 e fazer sua sucessora em 2010.

No governo Dilma Rousseff, contudo, a deterioração das condições econômicas (menor taxa média de crescimento e maior taxa média de inflação do que no segundo governo Lula) passou a ameaçar a continuidade do modelo. Definido por Singer (2012) como um “reformismo fraco”, o lulismo lograra por alguns anos manter um modelo de conciliação em que todos ganhavam ao mesmo tempo. As condições haviam mudado, contudo. A janela de oportunidade da década anterior, caracterizada pela alta demanda por *commodities* e pela elevação dos preços destas, fechou-se, afetando igualmente outros países latino-americanos. E a timidez do lulismo no enfrentamento do rentismo cobrou seu preço: na medida em que as distorções nos juros e no câmbio herdadas do período FHC não foram desarmadas, o desequilíbrio macroeconômico acabou retornando.

## **2. Marina Silva e o neoliberalismo**



É nesse contexto que se pode entender o sentido da candidatura de Marina Silva nas eleições presidenciais de 2014. Seu programa (COLIGAÇÃO UNIDOS PELO BRASIL, 2014), as declarações dela e de seu entorno, e a composição de sua equipe apontavam de maneira explícita para uma retomada da ortodoxia neoliberal. Não se tratava simplesmente, porém, de uma reedição da fórmula da Terceira Via de Clinton e Blair, ainda que ela se colocasse como alternativa à polarização entre PT e PSDB. Tampouco se tratava de mera “segunda via do PSDB”, como Luciana Genro, a candidata do PSOL, alegou em artigo (GENRO, 2014) e repetiu em entrevistas e debates. Essas comparações não apreendem o que ela trouxe de novidade, inclusive no plano internacional.

Diferentemente das candidaturas derrotadas do PSDB nas três eleições anteriores, Marina parecia atingir um público mais amplo, granjeando apoio entre artistas e intelectuais, atraindo os jovens e tendo apelo inclusive entre eleitores que se consideravam de esquerda ou que tinham uma visão crítica da sociedade. Em parte devido a sua estratégia de construção de imagem, em parte devido ao que se projetava nela, parecia haver algo de *cool*, de diferente, em sua personagem. À parte Lula, havia tempos que não surgia no Brasil um político com tal carisma; seus adversários eleitorais estavam aquém dela nesse quesito. Um fator bastante importante no imaginário de Marina era a peculiaridade de sua própria figura, de origem pobre, negra, oriunda da floresta amazônica, com um certo exotismo de apelo internacional, tudo isso reforçado por uma história pessoal de superação. A esse núcleo se ligavam dois novos ingredientes incorporados por ela ao imaginário do neoliberalismo, a metáfora da rede e a ideia de sustentabilidade. Esses ingredientes trouxeram consigo amplos campos semânticos que já se cruzavam de diversas formas com o neoliberalismo, e que foram articulados de forma mais ou menos sistemática a serviço de uma candidatura presidencial. Tratava-se de pensar o neoliberalismo não apenas em termos de concepção macroeconômica, mas de uma forma ampla e integrada de governamentalidade. Tudo isso era potencializado pelas adesões de artistas e intelectuais, que emprestavam a sua candidatura um verniz adicional.



Podemos dizer que a candidatura de Marina em 2014 representou um *aggiornamento* do imaginário neoliberal, inscrevendo-se num esforço para contornar o desgaste que o neoliberalismo sofria, no Brasil (com as derrotas sucessivas dos candidatos do PSDB nas eleições para presidente) e no mundo (especialmente após a crise de 2008). Nesse sentido, trata-se de um *marketing case* com interesse além das fronteiras do país, não apenas para políticos neoliberais, como também para corporações que procuram investir numa imagem moderna, social e ambientalmente responsável. Não por acaso, os principais patrocinadores de Marina eram duas empresas com esse perfil, a Natura e o Itaú; seria interessante explorar as afinidades de imagem entre ela e essas empresas. Em 2013, o Itaú mudou o nome da Redecard, seu braço comercial que opera com transações por cartões, para Rede. No *release* anunciando a mudança, o presidente dessa companhia declarou: “Rede remete a tecnologia, agilidade e modernidade ao mesmo tempo em que cria para a marca uma personalidade jovem e conectada. Uma Rede que conecta pessoas e empresas, mudando a experiência de consumo” (ITAÚ UNIBANCO, 2013). Na mesma época, a Natura introduziu uma nova estratégia de atuação, associando seu canal de vendas diretas através de consultoras à Internet, sob o nome de Rede Natura (LOUREIRO, 2013). E o site da empresa, no período eleitoral, afirmava: “Elegemos a sustentabilidade como um dos pilares da condução do nosso negócio. Desde o princípio da nossa trajetória, buscamos a adoção de um modelo de desenvolvimento que almeja o equilíbrio entre economia, sociedade e meio ambiente” (NATURA, 2014). Como o partido de Marina, em processo de criação, se chamava Rede Sustentabilidade, houve então um entrelaçamento entre as retóricas da política e do mundo corporativo, sintetizando os ideais neoliberais de ambas as vertentes.

A candidatura de Marina tentava, ao mesmo tempo, oferecer uma alternativa ao lulismo. Por que, afinal, o eleitor brasileiro trocava o modelo vigente pela ortodoxia neoliberal? Além dos que eram antipetistas e votavam normalmente no PSDB, ou dos que eram empresários ou mesmo microempresários e se preocupavam com a situação da economia, havia aqueles que eram passíveis de sedução através de um apelo ao imaginário que aparentasse oferecer-lhes algo a





mais – a novidade de Marina era a capacidade de atingir esse segmento. A tal imaginário, todavia, subjaziam inconsistências e contradições.

### **3. A metáfora da rede**

Se a modernidade se caracteriza pela prevalência da organização hierárquica e homogênea das massas, nas últimas décadas esta dá lugar à organização descentralizada e heterogênea das redes – ingressamos no que Castells (2000) designa como “sociedade em rede”. Como demonstra Granovetter (1973; 1983), as redes articulam laços fortes (do tipo que une alguém a seus amigos) e laços fracos (do tipo que une alguém a seus conhecidos), sendo principalmente estes últimos que explicam sua abrangência. Assim, elas coadunam-se perfeitamente com a sociabilidade fraca típica da era neoliberal, que promove o individualismo. Segundo a declaração célebre de Margaret Thatcher, “não há essa coisa de sociedade, só existem indivíduos e famílias”, mas poderíamos dizer, de outro modo, que no neoliberalismo “não há essa coisa de sociedade, só existem redes sociais”.

As redes mais em evidência atualmente são as redes sociais que se valem de dispositivos eletrônicos, e que aparecem como instrumentos privilegiados de atuação política. Já nas eleições de 2010 a candidatura de Marina teve uma grande penetração nessas redes, cujo perfil demográfico coincidia com o seu – majoritariamente jovem e de nível superior. Como sua campanha na época não competia diretamente com as dos principais contendores, Dilma e Serra, e por isso atraía poucos ataques, as menções que ela recebia nas redes eram majoritariamente positivas, o que fortaleceu sua imagem e contribuiu para que ela tivesse uma votação significativa. E, embora não tenha tido nenhuma relação direta com as manifestações de rua de 2013, Marina acabou sendo a única personalidade política que delas se beneficiou, segundo pesquisas de opinião feitas na época. Em parte, isso se deveu ao fato de que as mobilizações foram organizadas pelas redes sociais e ela tinha herdado das eleições de 2010 a aparência de proximidade com essas. Estando fora do poder, Marina pôde evitar o desgaste trazido por medidas impopulares: o aumento das tarifas de transporte, que foi o estopim das





manifestações, e a repressão dessas pela polícia. A postura apolítica ou antipolítica difusa dos manifestantes, ademais, assemelhava-se àquela promovida por Marina. Por tudo isso, em seu programa e em seu discurso, ela arvorou-se numa espécie de representante do espírito do movimento de 2013. “Uma militância ativa trouxe para o centro do debate novas formas de exercer a democracia e interferir nas tomadas de decisão. Para isso, vale-se da evolução das mídias alternativas, capazes de potencializar participação e formas inovadoras de mobilização” (COLIGAÇÃO UNIDOS PELO BRASIL, 2014, p. 13). Para quem pensa em termos de novidade, o Facebook e o Twitter, tal como as ONGs, instrumentos privilegiados pelos marinistas, são mais interessantes que formas tradicionais de atuação política, como partidos e sindicatos. A ideia de rede permitiu atrair intelectuais engajados, que esgrimiam nas redes sociais raciocínios inspirados em conceitos como rizoma, de Deleuze e Guattari (1980), e multidão, de Hardt e Negri (2000), para justificar o voto em Marina, além de jovens ativistas, como o jornalista Bruno Torturra, ex-Mídia Ninja, que assinou a ata de fundação da Rede Sustentabilidade mas se afastou por divergências políticas posteriores. Alguns, insatisfeitos com a repressão a manifestações de rua, defenderam Marina como alguém que teria maior complacência em relação a elas, embora isso soasse pouco plausível, se considerarmos que a repressão era provocada principalmente pela tática *black bloc*, cujo alvo preferencial eram os bancos, apoiadores de sua candidatura. A alardeada afinidade de Marina com os manifestantes de 2013 foi posta em xeque por sua dificuldade em criar a Rede Sustentabilidade, que não conseguiu registro a tempo de participar das eleições de 2014, forçando-a a abrigar-se no PSB, onde herdou a cabeça de chapa após a morte de Eduardo Campos. Essa impressão foi reforçada por sua dificuldade, como candidata, em mobilizar adeptos para seus eventos de campanha. E, ao denunciar a existência do que chamou de “mensalete”, um esquema de pagamento a usuários das redes sociais para criticá-la (FANTTI, 2014), ela demonstrou incompreensão, senão má-fé, sobre o funcionamento das redes. Esses fatores a distanciam dos chamados “partidos-movimentos” ou “partidos 2.0”, como o Podemos, na Espanha, e o Syriza, na Grécia, aproximando-a de Beppe Grillo e seu Movimento Cinco Estrelas, na Itália. Como este, ao associar sua base



de apoio às redes, ela parece ter intenções basicamente propagandísticas, além de atenuar a imagem de personalismo de seu projeto e justificar o aspecto nebuloso de suas propostas.

A metáfora da rede também permitiria sintetizar a chamada “nova política”. O termo, usado pelo New Labor britânico no sentido de uma orientação intermediária entre direita e esquerda, apareceu em Marina associado principalmente à ideia de uma nova práxis política, no lugar da “velha política”, caracterizada pelo presidencialismo de coalizão e pelo loteamento de cargos entre os partidos que compõem a base do governo. A ideia era articular transversalmente atores políticos independentemente da vinculação partidária, pinçando os melhores quadros de cada partido. Isso remetia à ideia de meritocracia e investimento em gestão, cara ao neoliberalismo. Também tinha uma conotação moral, de fundo religioso, pois se tratava aí também de homens bons no sentido de não corruptos, o que apelava a um certo udenismo característico da oposição tucana e midiática. O problema era como fazer isso num sistema político pulverizado em partidos, em que o executivo precisa negociar com um parlamento dominado pelo fisiologismo. A recusa a entrar nesse jogo levaria ao mesmo tipo de isolamento que marcou as presidências de Jânio e Collor. E a proposta de reforma política, que poderia representar uma saída para esse impasse, no caso de Marina (COLIGAÇÃO UNIDOS PELO BRASIL, 2014, p. 15) não era consistente, por não apontar para a superação do *status quo*: ela não defendia, por exemplo, o financiamento público de campanhas. Antes, parecia piorar a situação: uma distribuição do tempo de propaganda eleitoral gratuita mais generosa para os partidos menores aumentaria ainda mais a pulverização partidária, e a permissão de candidaturas avulsas enfraqueceria ainda mais os partidos. Uma alternativa seria passar por cima do Congresso através de referendos e plebiscitos, *à la* Chávez, mas uma proposta de democracia direta desse tipo seria demasiado radical para Marina, ainda que tais mecanismos fossem mencionados em seu programa e que este desse destaque à expressão “democracia de alta intensidade”. Sem outra alternativa de governabilidade, ela demonstrou já na campanha que a nova política era apenas um rótulo, revelando pragmatismo quanto às alianças típicas da velha política. Por outro lado, a ideia de



que ela representava os bons, acima dos partidos e das posições à direita e à esquerda, conferia a Marina uma condição messiânica, de quem transcende as divisões. Isso lhe deu várias vezes o pretexto para evitar o debate de ideias, pois debate supõe diferença e vai contra uma suposta harmonia entre os bons. Assim, ao invés de engajar-se no conteúdo da crítica, ela oscilava durante a campanha entre oferecer a outra face, posar de vítima ou desqualificar a crítica como ataque e tentativa de destruição.

No plano econômico também se percebe a articulação da metáfora da rede com uma postura neoliberal. Já na época da chamada ideologia californiana (BARBROOK; CAMERON, 1996), a reivindicação de liberdade para a rede e o empreendedorismo aproximam do neoliberalismo figuras de destaque ligadas à Internet, como mostra o documentário *All watched over by machines of loving grace* (direção de Adam Curtis, 2011). De modo mais geral, a organização em rede reproduz o funcionamento do próprio mercado. Nas corporações, demonstram Boltanski e Chiapello (1999), essa forma de organização caracteriza o novo espírito do capitalismo. E, ecoando os críticos neoliberais à verticalidade hierárquica do Estado, o programa de Marina contrapôs-lhe a transversalidade associada aos mecanismos de rede. Foi no plano econômico que se pôde identificar mais claramente o caráter neoliberal da candidatura de Marina. Seu fundamentalismo mais importante era o de mercado, não o religioso. Com ela, a estratégia lulista seria substituída por um choque neoliberal. Sua agenda incluía a austeridade monetária e fiscal, a independência do Banco Central, a redução do papel dos bancos públicos, a flexibilização da Justiça trabalhista, o realinhamento das parcerias externas. Mas a transversalidade da rede significava igualmente para Marina a aproximação entre posições diferentes. Curiosamente, ao mesmo tempo que se propunha a ser mais radical que o PSDB na ortodoxia econômica, Marina pretendia ser mais generosa que o PT em matéria de gastos sociais, fazendo promessas bastante ambiciosas. Assim, ao invés de colocar-se como meio-termo entre PSDB e PT, ela tentava ser mais realista que o rei na comparação com um e com outro simultaneamente. A radicalização de um lado tinha como contrapartida a radicalização de outro, num aparente hiperlulismo que na prática era uma espécie



de caricatura do lulismo, justamente num momento de crise em que o jogo de ganha-ganha da época de Lula já não parecia mais possível. Na época do chamado “milagre econômico” brasileiro, nos tempos da ditadura, o lema era fazer o bolo crescer para depois dividi-lo; já a receita neoliberal costuma ser a de “colocar ordem na casa” para depois cuidar da justiça social, embora a metáfora da ordem na casa indique justamente tudo aquilo que vai no sentido contrário à justiça social. Nesse sentido, em entrevista ao jornal *Valor Econômico* (NEUMANN; VIEIRA, 2014), o economista Eduardo Giannetti da Fonseca, braço direito de Marina, afirmou que “os compromissos assumidos no programa serão cumpridos à medida que as condições viabilizarem, sem prejuízo do equilíbrio fiscal”. E esse foi sem dúvida o entendimento tácito do mercado, ao apoiar a candidatura Marina quando ela parecia favorita. A própria candidata, porém, tentou durante a campanha manter de pé a ambiguidade, por exemplo corrigindo a declaração de seu assessor, em entrevista ao mesmo jornal: “Com certeza o que Giannetti estava dizendo é que essas coisas acontecerão juntas” (CHIARETTI, 2014). À parte sugestões anódinas, sobre a economia que seria conseguindo reduzindo-se a corrupção ou o número de ministérios, ela deixou inteiramente em aberto como efetuar uma verdadeira quadratura do círculo, coadunando uma política atrelada ao mercado com a promessa de aumentar os gastos sociais por parte do Estado. É como se a justiça social viesse a acontecer por um ato de vontade, independentemente de políticas que provocam recessão e desemprego e limitam os gastos públicos. Havia aí talvez um ingrediente de pensamento mágico, como na chamada “teologia da prosperidade”, em que o fiel dá dinheiro para a igreja e mesmo assim sai ganhando, pois é recompensado por outras vias; no neoliberalismo de Marina, que se pretendia “esclarecido”, isto é, socialmente consciente, o Estado seria enxugado e mesmo assim o investimento no social aumentaria.

#### **4. A ideia de sustentabilidade**

A identificação com as causas ambientais sempre foi um diferencial de Marina, desde os tempos em que ela foi companheira de militância de Chico Mendes. Isso



Ihe permitiu atrair alguns setores tradicionalmente alinhados à esquerda, na medida em que, para eles, a bandeira da sustentabilidade se tornou mais importante que as causas sociais. A ideia de sustentabilidade, que tem apelo junto a jovens, intelectuais e artistas, foi utilizada como um argumento dos adeptos de Marina contra o desenvolvimentismo de Dilma, que teria obsessão por cimento e engenharia e daria pouca importância, por exemplo, à questão indígena. Para eles, tratava-se de utilizar a questão ambiental para ir além da esquerda tradicional, modernizando seu discurso.

Essa modernização, entretanto, envolvia uma certa fluidez ideológica. É verdade que em outros tempos se utilizava a metáfora da melancia para descrever políticos que eram “verdes” por fora e “vermelhos” por dentro, aliando a preocupação ambiental a uma agenda mais tradicional de esquerda, mas no mundo inteiro os verdes têm-se caracterizado predominantemente pelo embaralhamento de posições e pelo deslizamento da esquerda para a direita, e isso se nota também no Brasil. Nas eleições de 2010, no debate da Record em 26 de setembro, Plínio de Arruda Sampaio, então candidato à presidência pelo PSOL, qualificou Marina como “ecocapitalista”. Quatro anos depois, em outro debate da Record, em 28 de setembro, Eduardo Jorge, candidato pelo mesmo Partido Verde que fora de Marina em 2010, declarou que os verdes não são de direita nem de esquerda.

Embora o neoliberalismo mais agressivo da Nova Direita fosse pouco simpático a regulações ambientais, o neoliberalismo mais suave da Terceira Via, que penetrava nas instituições da sociedade civil de diversas maneiras, passou a levar em conta o fator ambiental (HOLIFIELD, 2004, p. 285). A partir daí, a compatibilização do neoliberalismo com a bandeira de sustentabilidade tornou-se mais fácil.

Se a austeridade das políticas econômicas neoliberais se traduz em menor crescimento, tal é igualmente o objetivo de quem se preocupa com as consequências ambientais do desenvolvimento econômico. É a ligação entre essas duas perspectivas que aproxima de Marina o economista André Lara Resende (2012), que se vale da questão ambiental como pretexto para atacar o crescimento econômico defendido pelo keynesianismo. Se determinados produtos ou serviços,



como a pecuária bovina ou as viagens aéreas, têm impacto negativo no meio ambiente, a proposta de torná-los mais caros para inibir seu consumo enquadra-se no horizonte excludente que caracteriza o neoliberalismo. Como argumenta Giannetti (2010, p. 71), um dos principais conselheiros de Marina, “pegar um avião para atravessar o Atlântico é uma extravagância sem tamanho, do ponto de vista ambiental”. Outra extravagância, a seus olhos, é o consumo de carne e leite: “O preço da carne vai ter de ser muito caro, o leite terá que ficar mais caro” (ibid., p. 72). Essa proposta vai exatamente na contramão do lulismo, que aumentou o consumo de alimentos e o acesso ao transporte aéreo por parte dos mais pobres.

Uma forma típica de apropriação do discurso da sustentabilidade pelo neoliberalismo é o esquema de créditos de carbono. Empreendimentos que mantêm carbono fora da atmosfera, envolvendo por exemplo o plantio de florestas que sequestram carbono ou o aperfeiçoamento de fábricas de forma a reduzir emissões, têm direito a créditos, que são revendidos para poluidores. Quando estava à frente do Ministério do Meio Ambiente, no governo Lula, Marina alinhou-se ativamente à política dos créditos de carbono, chamada Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal (REDD). O esquema, entretanto, dá margem a tantas fraudes que Naomi Klein (2014) o qualifica como um “embuste lucrativo”. Cria-se uma espécie de rede global perversa, em que uma floresta aqui é utilizada para justificar uma fábrica poluidora em outro lugar. Ademais, acontece um fenômeno de reificação da natureza, na medida em que todos os recursos naturais passam a ser mensurados em termos econômicos e se tornam passíveis de privatização, e em que todas as soluções são concebidas em termos de mercado.

Com a ideia de consumo responsável, o encargo da sustentabilidade é repassado em última instância para o sujeito neoliberal. Em seu programa de governo, Marina celebrou “a participação do consumidor e a consciência da sociedade” (COLIGAÇÃO UNIDOS PELO BRASIL, 2014, p. 65). No debate da Bandeirantes, em 26 de agosto, ela fez referência ao “empreendedorismo social”, tema caro ao neoliberalismo. Sob a égide deste, mostra Foucault (2004, p. 232), o consumidor assume uma postura empreendedora, como produtor de sua própria satisfação. E também a responsabilidade pela preservação do meio ambiente



desloca-se das grandes corporações para o cidadão comum, que atua por meio de suas decisões e comportamentos como consumidor, por exemplo aderindo a práticas de reciclagem.

Vale notar ainda que, ao longo de seu programa, Marina insistiu que todas as políticas públicas levassem em conta o fator da sustentabilidade, mas sua posição com relação à sustentabilidade mostrou-se bastante pragmática. Em questões polêmicas, como os transgênicos, as hidrelétricas na Amazônia ou o pré-sal, ao enfrentar a pressão do agronegócio ou de outros setores e as críticas dos adversários, Marina rapidamente reviu suas posições e fugiu à disputa. Desse modo, a sustentabilidade apareceu reduzida a uma “grife”, como declarou Beto Albuquerque, candidato à vice-presidência na chapa de Marina Silva (PORTOGENTE, 2014).

## **5. Limitações de Marina**

As eleições de 2014 representaram a maior oportunidade de romper a polarização PT-PSDB que domina a política brasileira desde 1994, por conta da crise econômica que afetou o governo Dilma e do potencial de Marina para ir além do eleitorado tucano. Marina tinha algo em comum com Reagan e Thatcher, a oportunidade de aproveitar-se de uma situação de crise para vencer as eleições como oposição. Ela também tinha algo em comum com Clinton e Blair, o fato de colocar-se como terceira via, embora comandando uma renovação da direita. O problema é que ela não tinha uma saída crível a oferecer. Não era possível a conciliação entre o que ela propunha na esfera econômica e na esfera social, uma combinação entre a ortodoxia da austeridade e promessas mirabolantes. Além disso, sua proposta de nova política, que consistia em superar as limitações do presidencialismo de coalizão sem mudar as estruturas, mas apenas escolhendo melhor as pessoas, era irrealizável. Essas aporias fundamentais, destacadas pelos rivais, especialmente o PT, ajudaram a minar sua credibilidade e testemunharam o amadorismo de sua campanha. Esse amadorismo se deveu talvez ao fato de que o projeto e a postura de Marina não estavam suficientemente maduros, ou de que ela





própria tinha dificuldades em exercer uma liderança eficaz. Outros indicadores de amadorismo eram a inconsistência do programa, que tinha trechos plagiados de várias fontes e mudou ao sabor de pressões – era um programa “escrito a lápis”, na definição de Aécio Neves, candidato do PSDB (MARQUES, 2014); a camaleônica adaptação da candidata a cada plateia, que a levava a desdizer-se com frequência; a pluralidade de pessoas que falavam pela candidata, sem necessariamente estarem em acordo entre si; a falta de coordenação com aliados, que limitou a estrutura da campanha. Problemas adicionais eram a falta de base social de sua candidatura e o ecletismo dos apoios que recebeu. Por tudo isso, a imagem de Marina passou a ser utilizada para compensar as limitações de sua candidatura. Entretanto, também essa imagem sofreu desgastes, devido a suas atitudes. Assim, pode-se dizer que Marina, apesar de contar de saída com um imaginário poderoso, acabou fracassando, e terminou a campanha de 2014 menor do que entrou, em contraste com o que havia ocorrido na campanha anterior.

## Referências

- BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. The Californian ideology. **Science as Culture**, v. 6, n. 1, p. 44-72, 1996.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **Le nouvel esprit du capitalisme**. Paris: Gallimard, 1999.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. O Segundo Consenso de Washington e a quase-estagnação da economia brasileira. **Revista de Economia Política**, v. 23, n. 3 (91), p. 3-34, julho-setembro de 2003.
- CASTELLS, Manuel. **The rise of the network society**. 2nd ed. Oxford and Malden: Blackwell, 2000.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Capitalisme et schizophrénie 2: mille plateaux**. Paris: Minuit, 1980.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Empire**. Cambridge (MA) and London: Harvard University Press, 2000.
- CHIARETTI, Daniela. Ajuste fiscal e ações sociais virão juntos, diz Marina. **Valor Econômico**, 11 de setembro de 2014. Disponível em <[http://www.cliptvnews.com.br/mma/amplia.php?id\\_noticia=72866](http://www.cliptvnews.com.br/mma/amplia.php?id_noticia=72866)>. Acesso em: 24 mar. 2015.
- COLIGAÇÃO UNIDOS PELO BRASIL. Programa de governo: plano de ação para mudar o Brasil. 2014. Disponível em <<http://cl.ly/XQkZ/download/completo.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2015.
- FAIRCLOUGH, Norman. **New labour, new language?** London and New York: Routledge, 2000.
- FANTTI, Bruna. Marina acusa adversários de fazer “mensalete” para atacá-la na Internet. 25 de setembro de 2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/09/1522764-marina-acusa-adversarios-de-fazer-mensalete-para-ataca-la-na-internet.shtml>>. Acesso em: 25 mar. 2015.
- FOUCAULT, Michel. **Naissance de la biopolitique: cours au Collège de France, 1978-1979**. Paris: Gallimard/Seuil, 2004.



GENRO, Luciana. Marina é a segunda via do PSDB. 20 de agosto de 2014. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/politica/marina-e-a-segunda-via-do-psdb-9911.html>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

GIANNETTI, Eduardo. Estamos presos a uma corrida armamentista de consumo. In: ARNT, Ricardo (org.). **O que os economistas pensam sobre sustentabilidade**. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 65-85.

GRANOVETTER, Mark S. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, May 1973.

\_\_\_\_\_. The strength of weak ties: a network theory revisited. **Sociological Theory**, v. 1, p. 201-233, 1983.

HARVEY, David. **A brief history of neoliberalism**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HOLIFIELD, Ryan. Neoliberalism and environmental justice in the United States environmental protection agency: translating policy into managerial practice in hazardous waste remediation. **Geoforum**, v. 35, n. 3, p. 285-297, May 2004.

ITAÚ UNIBANCO. Redecard agora é Rede. 21 de outubro de 2013. Disponível em <<https://www.itaubank.com.br/imprensa/releases/redecard-agora-e-rede.html>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

KLEIN, Naomi. **This changes everything: capitalism vs. the climate**. Toronto: Alfred A. Knopf Canada, 2014.

LACLAU, Ernesto. **On populist reason**. London and New York: Verso, 2005.

LASCH, Christopher. **The culture of narcissism: American life in an age of diminishing expectations**. New York: Warner, 1979.

LOUREIRO, Michele. Para a Natura, chegou a hora de mudar. 29 de maio de 2013. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/1042/noticias/chegou-a-hora-de-mudar>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

MARQUES, José. Aécio provoca Marina e diz que entregará programa “feito a caneta”. 16 de setembro de 2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/09/1516968-aecio-provoca-marina-e-diz-que-entregara-programa-feito-a-caneta.shtml>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

NATURA. Sustentabilidade. 2014. Disponível em <<http://www.natura.com.br/www/a-natura/sustentabilidade/>>. Acesso em: 24 set. 2014.

NEUMANN, Denise; VIEIRA, Catherine. Programa de Marina será cumprido quando conta fiscal permitir. **Valor Econômico**, 8 de setembro de 2014. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/535052-programa-de-marina-sera-cumprido-quando-conta-fiscal-permitir>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

PORTOGENTE. ABPA recebe candidato à vice-presidência, Beto Albuquerque. 17 de setembro de 2014. Disponível em <<https://portogente.com.br/noticias-do-dia/abpa-recebe-candidato-a-vice-presidencia-beto-albuquerque-83550>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

RESENDE, André Lara. Os novos limites do possível. **Valor Econômico**, 20 de janeiro de 2012. Disponível em <<http://advivo.com.br/documento/os-novos-limites-do-possivel-por-andre-lara-resende-para-o-valor-de-sao-paulo>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.